



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

ESCUTANDO SOBRE A MORTE DE PACIENTES NO FINAL DA VIDA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Larissa Rossi da Silva¹; Marana Tamie Uehara de Souza²

Irmandade da Santa Casa de Londrina (ISCAL)*

[1larissa_rossis@hotmail.com](mailto:larissa_rossis@hotmail.com)

[2marana.uehara@gmail.com](mailto:marana.uehara@gmail.com)

*Os autores fazem parte da mesma instituição

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A morte é parte do desenvolvimento humano e, paralelamente, rodeada por teorias filosóficas, religiosas, ritos e tabus, o que leva a considerar que morrer está para além de um processo unicamente biológico (Kovacs, 1992; 2005). Para Kovács (2005), as representações sociais da morte, no contexto hospitalar, perpassam o imaginário dos profissionais de saúde, influenciando sua forma de cuidado para com pacientes e familiares atendidos. Nesse sentido, lidar com a morte é passível de provocar resistências. Freud (1915) assinala que a morte enquanto representante inconsciente é inconcebível. O fato de que vamos morrer só nos é compreensível a partir da morte do semelhante. Entretanto, estar diante da morte de alguém, sobretudo, para quem se nutria afeição, suscita emoções ambivalentes, que, a depender do conteúdo, permanecem inconscientes. Segundo Freud (1917), o amor e a hostilidade são sentimentos que caminham unidos, ao passo que, a morte da pessoa amada pode representar, paradoxalmente, a consumação de um desejo proibido e, portanto, mantido fora da consciência. **OBJETIVO:** Com este trabalho, visamos compartilhar a experiência de escutar pacientes internados que se encontravam em estado de terminalidade. **MÉTODO:** Elaborou-se um relato de experiência com fundamento na teoria psicanalítica, a partir de casos atendidos durante o Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Irmandade da Santa



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Casa de Londrina (ISCAL). **RELATO DE EXPERIÊNCIA:** Os pacientes que foram atendidos no transcurso dessa experiência não foram comunicados sobre a sua terminalidade, sendo assim, o diagnóstico foi abordado apenas com os familiares. Em contrapartida, quando foi possível estabelecer comunicação com os pacientes, verificou-se que alguns apontavam dotar alguma noção sobre a condição clínica em que se encontravam. Contudo, os pacientes verbalizaram sobre a dificuldade percebida em seus familiares e na equipe de saúde em lidar com sua perda. Desse modo, compreendemos que a escuta analítica possibilita construir um saber fazer com o fato da morte, uma vez que dá ao real da morte o seu lugar, o que permite poder suportá-la. Escutar pacientes terminais implica em tomar contato com a escolha subjetiva destes, o que de acordo com Santos e Homananez (2013) acarreta sentimentos de culpa e frustração, quando não se está preparado para lidar com tais questões. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Portanto, compreende-se que a escuta do psicólogo é única em relação aos demais profissionais, o que aponta para sua relevância na composição da equipe de saúde. Ademais, o psicólogo pode atuar mediando as relações entre profissionais, família e pacientes, dirimindo as resistências ao favorecer um espaço de escuta ao sofrimento frente à morte.

Palavras-chave: Psicologia Hospitalar; Psicanálise; Terminalidade.

Referências

Freud, S. (1913) Totem e Tabu. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1915). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Kovács, M. J. Educação para morte. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v25n3/v25n3a12.pdf>. Acesso em: 18 mai 2019.



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Kovács, M. J. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. Recuperado de: <https://epdf.pub/morte-e-desenvolvimento-humano.html>

Santos, M. A.; Hormanez, M. Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão da produção científica da última década. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 18, n. 9, p. 2757-2768, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n9/v18n9a31.pdf>. Acesso em 18 mai 2019.